



TEATRO JOVEM



ANO I • Nº 1

Bimestral

Distribuição Gratuita

Dezembro/94

EDITORIAL

* Ricardo Brito

Espaço! Espaço! Espaço! Esse coro uníssono vem marcando a classe teatral durante toda sua existência, principalmente no teatro para infância e juventude.

A dificuldade para a formação e manutenção do público é cada vez maior. A concorrência é grande: filme da Xuxa, Sol de Verão, Copa do Mundo, turismo, Bingo etc. Já ouvimos todos os tipos de "desculpas" para a falta de público no teatro.

Essas explicações podem ser lógicas e consistentes mas, na verdade, nunca serão justas.

É claro que também não é justo a luta por mais investimento na cultura quando temos a miséria e a fome em níveis tão insuportáveis.

A crise econômica mundial fez com que a maioria dos países priorizassem o atendimento das suas necessidades básicas. No Brasil, com os discrepantes níveis da sociedade, passamos a conviver com também diferentes níveis de necessidades básicas.

Enquanto para uns a saúde, educação, habitação são metas quase impossíveis, outros privilegiados anseiam por mais informação e melhor qualidade de vida. Esta discrepância é real, estamos presos a ela, e nos remete a conceitos de solidariedade e compaixão, tão reivindicados por nossa sociedade.

Porém, quando atingimos um determinado nível de informação não conseguimos mais viver sem alimentá-lo. Cultura traz cultura e o futuro só será melhor se os nossos jovens forem melhor preparados.

Nunca foi tão importante a participação da iniciativa privada. A valorização dos patrocinadores tornou-se uma questão de sobrevivência.

Criatividade vem sendo a palavra-chave para os tempos de crise. Projetos modernos e adequados à nossa realidade se tornam cada vez mais necessários.

Com o lançamento de "O Teatro Jovem" criamos um veículo de informação e divulgação do Teatro para infância e juventude.

Neste espaço teremos matérias sobre os principais eventos / espetáculos que estiverem ocorrendo. Um *Classiteatro* foi criado para a compra e venda de produtos e serviços das produções. Também faz parte de nossa meta divulgar a programação completa do Teatro Jovem no Rio de Janeiro.

Além disto, inauguramos a coluna "Opinião", com uma brilhante reflexão de Carlos Augusto Nazareth.

O definitivo, em "O Teatro Jovem", é a abertura desse Espaço no Rio de Janeiro. No mais, aguardamos a colaboração de todos.

* Ricardo Brito é diretor de Brito Produções Ltda.

PROFISSIONALISMO NO TEATRO JOVEM

Segundo definições oficiais, amadorismo é tudo aquilo que se faz por amor. Profissional, ao contrário, é a atividade que serve como meio de vida, que implica na obtenção de renda. Partindo daí, em quais das duas categorias colocar o teatro jovem feito hoje no Brasil?

Se por um lado, as produções atuais possuem custos altíssimos e bilheteria - o que as tirariam da classe amadora -, por outro, nenhum ator ou diretor que atue na área retira dela seu sustento. Desta maneira, o que estaria faltando para que a dramaturgia direcionada às crianças e adolescentes sáísse do "limbo"? As questões são complexas e as sugestões muitas.

Para Karen Acioly, que faz teatro para crianças há 15 anos, o principal problema é que os espetáculos ficam em cartaz apenas aos sábados e domingos. "Nunca deu para viver de teatro infantil, porque, infelizmente, apenas dois dias da semana não cobrem os sete. Então, a coisa fica difícil".

A solução para o "drama", a atriz acredita estar na mudança da forma de encarar a arte no país. "Tem que se aumentar os investimentos das peças para o teatro fazer com que o público vá a ele. Não é o teatro que tem que ir às escolas, às cidadezinhas... Tem que acontecer o contrário, para que não se perca nada da concepção estética teatral", afirma.

Fazendo coro com Karen Acioly, a veterana diretora do Teatro Tablado, Maria Clara Machado, também aponta a "curta-semana" do teatro infantil como sendo a maior responsável pela impossibilidade de se viver do gênero. "Apenas dois dias não dá. E mais, falta de patrocínio. Além da Coca-Cola, que está salvando o teatro infantil no Rio de Janeiro, precisaríamos contar com outras empresas", diz.

A falta de talento para a administração do artista brasileiro poderia ser outro fator apontado como causa da "falta" de profissionalismo do teatro jovem. Mas, utilizando-se de sua experiência, Maria Clara Machado afirma que a situação vem se modificando. "O ator está aprendendo a administrar. Aqui, no Tablado, por exemplo, se aprende tudo. O serviço de contra-regra, como abrir a cortina, atender o telefone, bilheteria e... Bem, eles passam por todas as etapas",

conta.

Apesar do Tablado ser uma das escolas de teatro mais completas, antigas (tem 43 anos) e respeitadas do Brasil, seu curso não é profissionalizante. "Burocracia. Esta é a única culpada pela não profissionalização do Tablado. Se amanhã eu resolver fazê-lo, pode ter certeza que arrumarei uma enorme dor de cabeça. Vai ser um tal de papel prá lá, papel prá cá...", justifica Maria Clara.

Luca Rodrigues, que acaba de sair



de uma temporada de sucesso com o espetáculo "A Bela e a Pele de Asno" também encontra dificuldades de tirar seu sustento do teatro infantil. A culpa? "Além de ser impossível ganhar dinheiro só no fim de semana, houve uma queda de público. O único que tem este garantido é o Guilherme Karam (Aladim e o Gênio Maravilhoso). Isso, porque não são as crianças que decidem o que querem ver. E se tem sol, os pais preferem levá-las ao clube, à praia, à lagoa... a qualquer lugar, menos ao teatro", detona.

A solução encontrada pelo ator para minimizar o problema é ir aonde o povo está. Luca pretende levar sua trilogia ("A Bela e a Fera", "A Bela Adormecida" e "A Bela e a Pele de Asno") às escolas. "Não quero mais intermediário. Vou ao público que, infelizmente, não vai ao teatro com as próprias pernas", adianta.

O futuro "mambembe" ainda acre-

ditada que uma publicação sobre teatro direcionada a um público mais jovem seria de grande ajuda. "Pensei sobre isto a partir do Festival e Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem. Uma revista, um jornal, sei lá... Mas alguma coisa que falasse sobre teatro, de como ele surgiu, do que é um palco e essas coisas que o público brasileiro não sabe", arrisca Luca.

Mesmo diante da situação quase caótica do teatro para crianças, Maria Cristina Gatti se encontra bastante otimista. "A área está caminhando para a profissionalização. Só falta infraestrutura, ou seja, teatros mais baratos, casas abertas, temporada de quinta a domingo". Tudo isto, segundo a atriz e produtora, seria facilmente resolvido com verba. "É difícil viver de teatro jovem para quem não tem patrocínio, o ator ganha apenas 3% da bilheteria. Eu sou de uma geração que ganhava 5% e dava para se manter", recorda.

Quanto aos riscos de se investir em teatro infantil, Maria Cristina Gatti acredita que estes são mínimos. "O retorno financeiro dá de 10 a zero no teatro adulto. Aliás, em tudo; nas pesquisas estéticas, no repertório... No teatro adulto tudo é igual. Ou é a comédia ligeira ou é o teatro clássico mal montado. Mas, claro, no infantil também existem muitos caça-níqueis".

A despeito dos "caça-níqueis", mesmo os bons profissionais da área - além da falta de apoio financeiro - se veem enrascados com a administração. "A gente esquece deste lado, a gente é meio odara mesmo. Falta produtor executivo e os locais que os formava (Fundição Progresso, a Faculdade Cândido Mendes e outras) não o fazem mais. Então, não temos jovens produtores executivos", lastima Maria Cristina Gatti.

Todas as dificuldades não desanimam Maria Cristina, que acha, que a união do teatro infantil com o teatro adolescente na nova classificação (Teatro Jovem), foi dado um passo decisivo para o desenvolvimento do setor. "Estamos vivendo uma fase de transição, ainda causa estranheza, mas no futuro, o infantil vai ganhar. Na Europa, este conceito já é desenvolvido. É que nós ficamos presos a uma época em que tudo era especialização, mas, agora, estamos caminhando para um tempo mais renascentista, sem separatismo".

EM CARTAZ...

ALADIM E O GÊNIO MARAVILHOSO

Texto/Direção: *Marcelo Saback*
Teatro Clara Nunes
Shopping da Gávea
Rua Marquês de São Vicente,
52 Gávea - Tel.: 274-9696
Sáb. e Dom. às 17:00h

JOÃO E MARIA

Adaptação/Direção: *Frederico D'Amico*
Teatro Galeria
Rua Senador Vergueiro, 93
Flamengo
Tel.: 225-9185
Sáb. e Dom. às 18:00h

MENDIGATOS

Texto: *João Batista*
Direção: *Cyrano Rosalém*
Teatro Ipanema
Rua Prudente de Moraes, 824
Ipanema
Tel.: 247-9794
Sáb. e Dom. às 16:00h

FANTASMINHA SAPECA

Texto/Direção: *Ressy Marie Penafort*
Teatro de Lona
Av. Ayrton Sena, 1.791
Barra da Tijuca
Sáb. e Dom. às 18:00h

O PRÍNCIPE FELIZ

Texto: *Oscar Wilde*
Direção: *Márcia Torres*
Espaço Schoppen das Artes
Rua Real Grandeza, 129
Botafogo
Tel.: 226-6176
Sáb. e Dom.
a partir das 15:30h

BALBINO E BENTO

Texto: *Beth Araújo*
Direção: *João Gomes*
Casa de Cultura Laura Alvim
Av. Vieira Souto, 176
Ipanema
Tel.: 247-6946
Sáb. e Dom. às 17:00h

A CRIADA PATROA

Texto/Direção: *Cia. Instável de Humor*
Teatro Villa-Lobos
Av. Princesa Isabel, 440
Copacabana
Tel.: 275-6695
Sáb. e Dom. às 17:00h

A MOÇA E O HIPOPÓTAMO

Texto/Direção: *Flávio Kactus*
Museu da República
Rua do Catete, 153
Catete
Tel.: 225-7662
Sáb. e Dom. às 18:00h

IRMÃOS BROTHERS

Direção: *Jorge Fernando*
Teatro Ipanema
Rua Prudente de Moraes, 824
Ipanema
Tel.: 247-9794
Sáb. e Dom. às 18:00h

PAPAI É PAPAI NOEL

Texto: *André Cerqueira Leite*
Direção: *Cláudio Cavalcanti*
Teatro BarraShopping
Av. das Américas, 4.666
Barra da Tijuca
Tel.: 325-5841
Sáb. e Dom. às 14:00h e
18:30h

A BELA E A FERA

Adaptação: *Marlene Barbata*
Direção: *Renato Pietro*
Teatro Princesa Isabel
Av. Princesa Isabel, 186 - Leme
Tel.: 275-3346
Sáb. e Dom. às 18:00h

CONFISSÕES INFANTIS

Texto: *Lenita Plonczynski*
Direção: *Cristina Bethencourt e Paloma Riani*
Teatro BarraShopping
Av. das Américas, 4.666
Barra da Tijuca
Tel.: 325-5844
Sáb. e Dom. às 15:30h

A BRUXINHA QUE ERA BOA

Texto: *Maria Clara Machado*
Direção: *Lupe Gigliotti e Cininha de Paula*
Teatro BarraShopping
Avenida das Américas, 4.666
Barra da Tijuca
Tel.: 325-5844
Sáb. e Dom. às 17:00h

A INCRÍVEL HISTÓRIA DO HOMEM QUE BEBIA XIXI

Texto/Direção: *João Batista*
Teatro Villa-Lobos/Espaço III
Av. Princesa Isabel, 440
Copacabana
Tel.: 275-6695
Sáb. e Dom. às 17:00h

OS SALTIMBANCOS

Texto: *Chico Buarque*
Direção: *Rogério Fabiano*
Teatro da Barra
Av. Sernambetiba, 3.800
Barra da Tijuca
Tel.: 439-3415
Sáb. e Dom. às 18:30h

O CAVALO QUE FALAVA INGLÊS

Texto: *Pedro Cardoso*
Direção: *Maristela Provedel*
Teatro do Leblon
Rua Conde de Bernadotte, 26
Leblon
Tel.: 294-0347
Sáb. e Dom. às 17:30h

ONDE ESTÁ PAPAI NOEL

Direção: *Gugu Olimecha*
Teatro do SESC
Engenho de Dentro
Avenida Amaro Cavalcanti,
1.661
Engenho de Dentro
Tel.: 249-1391
Sáb. e Dom. às 17:00h

TUDO POR UM FIO

Direção: *Cacá Mourthé*
Teatro Estação Beira-Mar
Rua Dois de Dezembro, 63
Flamengo
Tel.: 556-3189
Sáb. e Dom. às 17:30h

O PEQUENO POLEGAR

Direção: *Marcos Marcondes*
Teatro Casa Grande
Av. Afrânio de Mello Franco,
290 Leblon
Tel.: 239-4048
Sáb. e Dom. às 17:00h

O PÁSSARO DO LIMO VERDE

Texto/Direção: *Carlos Augusto Nazareth*
Paço Imperial
Praça XV, 48
Centro
Tel.: 224-2407
Sáb. e Dom. às 17:00h

A CIGARRA E A FORMIGA

Adaptação/Direção: *Frederico D'Amico*
Teatro Galeria
Rua Senador Vergueiro, 93
Flamengo
Tel.: 225-9185
Sáb. e Dom. às 17:00h

ANARQUIAS E TRAVESSURAS NA RÁDIO T. ATRAL

Texto/Direção: *Gedivan de Albuquerque*
Teatro Dulcina
Rua Alcino Guanabara, 17
Centro
Tel.: 240-4879
Sáb. e Dom. às 17:00h

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Direção: *Ewerton de Castro*
Teatro Cacilda Becker
Rua do Catete, 338
Catete
Tel.: 265-9933
Sáb. e Dom. às 17:00h

SHAKUNTALÁ, O ANEL PERDIDO

Adaptação: *Márcia Frederico*
Direção: *Ricardo Venâncio*
Teatro Cândido Mendes
Rua Joana Angélica, 63
Ipanema
Tel.: 267-7141
Sáb. e Dom. às 16:30h

O CIRCO PALHA ASSADA

Texto/Direção: *Elza de Andrade*
Teatro Posto 6
Rua Francisco Sá, 51
Copacabana
Tel.: 287-7496
Sáb. e Dom. às 16:00

TÁ NA HORA

Texto/Direção: *Lucia Coelho*
Teatro Vanucci
Shopping da Gávea
Rua Marquês de São Vicente, 52
Gávea
Tel.: 239-8545
Sáb. e Dom. às 17:30h

SALAMÊ MINGUÊ

Texto: *Chico Anísio*
Direção: *Rogério Fabiano*
Teatro do América
Rua Campos Sales, 118
Tijuca
Tel.: 567-1572
Sáb. e Dom. às 18:00h

FUNK-SE

Texto: *Rogério Blat*
Direção: *Ernesto Piccolo*
Teatro Gonzaguinha
Centro de Artes Calouste Gulbenkian
Rua Benedito Hipólito, 125
Cidade Nova
Tel.: 232-1087

O MANTO DO REI

Adaptação/Direção: *Companhia Era Só O Que Faltava*
Teatro Óperon
Rua Sargento João Lopes, 315
Ilha do Governador
Tel.: 393-9454
Sáb. e Dom. às 18:00h

O ANIVERSÁRIO DO COELHO

Texto/Direção: *Cláudio Juez*
Teatro Brigitte Blair I
Rua Miguel Lemos, 51
Copacabana
Tel.: 451-2955
Sáb. e Dom. às 16:30h

EM CARTAZ...

As informações da sessão **Em Cartaz...**, são de responsabilidade das produções. Sugerimos ligar para o teatro antes de sair de casa.

BERNARDO E BIANCA
Adaptação e Direção: *Frederico D'Amico*
Teatro Galeria
Rua Senador Vergueiro, 93
Flamengo
Tel.: 225-9185
Sáb. e Dom. às 16:00h

O PAÍS DOS MASTODONTES
Texto e Direção: *Roger Mello*
Teatro Nelson Rodrigues
Av. República do Chile, 230
Centro
Tel.: 262-0942
Sáb. e Dom. às 17:00h

ANTES DE IR AO BAILE
Texto: *Vladimir Capella*
Direção: *Cláudio Handrey*
Teatro de Arena
Rua Siqueira Campos, 143
Copacabana
Tel.: 235-5348
Sex. e Sáb. às 18hs e
Dom. às 17:00h

A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE
Texto: *Maria Clara Machado*
Direção: *Régis de Sóri*
Auditório da
Biblioteca Estadual
Presidente Vargas, 1261
Centro
Sex. e Sáb. às 18:00h

VIRAVEZ, O CORTÊS
Texto: *Teresa Frota*
Direção: *Henri Pagnocelli*
Teatro Gláucio Gill
Praça Cardeal Arcoverde, s/nº
Copacabana
Tel.: 237-7003
Sáb. e Dom. às 17:30h

NO REINO ENCANTADO DE PAPAÍ NOEL
Direção: *Carlos Henrique Casanova*
Teatro América
Rua Campos Salles, 118
Tijuca
Tel.: 567-1572
Sáb. e Dom. às 16:30h

OS DOIS CAVALEIROS DE VERONA
Texto: *William Shakespeare*
Direção: *Marcos Vogel*
Teatro Elizabetano da Cultura Inglesa
Av. Pasteur, 436 (UniRio)
Urca
Tel.: 295-2548
Sáb. e Dom. às 17:00h

ZERO DE CONDUTA
Texto: *Zendo Wilde*
Direção: *Pedro Vasconcelos*
Teatro BarraShopping
Av. das Américas, 4666
Barra
Tel.: 325-5844
Qui. e Sex. às 19:00h

A CORUJA SOFIA
Texto: *Maria Clara Machado*
Direção: *Cacá Mourthé*
Teatro Tablado
Av. Lineu de Paula Machado, 795
Jardim Botânico
Tel.: 294-7847
Sáb. e Dom. às 17:00h

A QUARTA COMPANHIA
Texto: *Desmar Cardoso*
Direção: *Desmar Cardoso e Paula Horta*
Teatro Vannucci
Shopping da Gávea
Rua Marquês de São Vicente, 52
Tel.: 274-7246
Quinta à Sáb. às 19:00h

SABE TUDO E O ESPIÃO
Texto: *Ricardo Gouveia*
Direção: *Gabriel Fomm*
Teatro da Barra
Av. Sernambetiba, 3.800
Barra da Tijuca
Tel.: 439-3415
Sáb. e Dom. às 17:00h

SONHO DOURADO
Texto: *Marcello Caridad e Marcelo Lino*
Direção: *Marcello Caridad*
Teatro Ipanema
Rua Prudente de Moraes, 824
Ipanema
Tel.: 247-9794
Qui. e Sex. às 19:00h

O DESPERTAR DA PRIMAVERA
Texto: *Antônio Monteiro Guimarães e Michel Bercovith*
Direção: *Michel Bercovith e Felipe Martins*
Teatro do Leblon
Rua Conde de Bernadotte, 26
Tel.: 294-0347
Ter. e Qua. às 21:00h

AURORA DA MINHA VIDA
Texto: *Naum Alves de Souza*
Direção: *Roberto Bomtempo*
Teatro Villa Lobos - Espaço III
Av. Princesa Isabel, 440
Copacabana
Tel.: 541-6799
Sex. às 17:00h e 21:00hs /
Sáb. às 21:00h / Dom. às 19:00h

O NATAL DOS URSOS
Adaptação /Direção: *Cláudio Juárez e Ana Cristina Aeck*
Teatro Heriqueta Brieba
Rua Conde de Bonfim, 451
Tijuca
Tel.: 2681012
Sáb. e Dom. às 11:00h

REINO DO SABER, UMA FANTASIA INTELIGENTE
Direção: *Silmar Garcia*
Teatro Tereza Raquel
Rua Squeira Campos, 143
Copacabana
Tel.: 235-1113
Sáb. e Dom. às 17:00h

OS SINOS DA CANDELÁRIA
Texto: *Aurea Charpinel*
Direção: *Ilclemar Nunes*
Teatro da Praia
Rua Francisco Sá, 88
Copacabana
Tel.: 267-7749
Sex. e Sáb. às 21:00h
Dom. às 20:00h

BRUXARIAS COM PAPAÍ NOEL
Texto e Direção: *Cláudio Juárez*
Teatro Suam
Praça das Nações, 88 - A
Bonsucesso
Tel.: 270-7082
Sáb. e Dom. às 17:00h

EMÍLIA, A BONECA DE PANO
Direção: *Robson Moreno*
Teatro Posto 6
Rua Francisco Sá, 51
Copacabana
Tel.: 287-7496
Sáb. e Dom. às 18:00h

SE O SEU NEGÓCIO
É PARA JOVENS,
O TEATRO JOVEM
É O SEU LUGAR.

SEMINÁRIO COCA-COLA

O Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem mostrou em apenas quatro dias que é possível - e necessário - reunir um número expressivo de pessoas em torno da dramaturgia que é feita para a criança e o adolescente. Apesar da curta duração, o evento serviu para que reivindicações fossem feitas, propostas sugeridas e para que fosse traçado o perfil da área nos dias que correm.

Do dia 26 a 29 de setembro, 26 profissionais se revezaram no palco do Teatro Villa-Lobos para debater temas específicos relacionados à influência e ao desenvolvimento do teatro jovem no país e no mundo. Desta maneira, o seminário foi assim dividido: Teatro Jovem - Retrato Atual e Tendências, coordenado por Sônia Piccinin, O Teatro Jovem e a Escola, por Alice Koenow, O Teatro Jovem e os Meios de Comunicação, por Lúcia Cerrone, e O Teatro Jovem Atualmente no Brasil, por Domingos Assmar Neto.

Flash Histórico - Eliane Yunes foi convocada para dar o pontapé inicial ao seminário e "desenhar" um breve histórico do teatro jovem. Em sua exposição, a produtora falou sobre as transformações dos conceitos de criança e adolescente, sobre a questão do gosto, sobre o universo cultural que cerca a juventude e o artesanato teatral.

Mesmo passando por todos esses pontos, Eliane dedicou parte do tempo para defender a quebra da especificação etária do teatro. Para isto, foi buscar razões históricas.

- O conceito de infância, por exemplo, é um conceito recentíssimo; ele tem praticamente a idade da burguesia. É na ascensão desta classe, quando as pessoas começam a acumular bens para as gerações futuras é que se pensa nesta geração futura. Há 200 anos não havia fronteira entre a infância e a adolescência. Esta preocupação não existia. O teatro era encenado nas ruas, nas praças... Era teatro para todo mundo ver, sem estas fronteiras.

Atualidade - Dando sequência à palestra de Eliane Yunes, a produtora da Casa da Gávea, Miriam Brum, ocupou o espaço para "destrinchar" "O Teatro Jovem Hoje". Com a incumbência de falar sobre a produção para a infância e a juventude e sua relação com as novas tendências do teatro, a palestrante resolveu, na última hora, se deter no perfil do público para quem se tem feito teatro atualmente.

- É fundamental que conheçamos nosso público referencial para depois podermos trabalhar a adequação de conteúdo e linguagem. O nosso público já nasce com a linguagem e a velocidade da informática. O mundo todo, hoje, está ao alcance do dedo. Então, definido o nosso público, devemos nos centrar na dramaturgia. Já temos uma idéia de seu universo, vamos arregaçar as mangas e pesquisar a nova linguagem que se demanda para atingir a interatividade.

Profissionalização - No entanto, para se chegar a qualquer "resultado dramaturgicamente" é preciso que a pessoa em questão conheça com profundidade o assunto, é preciso, enfim, que tenha formação, que seja profissional. E para "dissecar" o tema, esteve presente no Teatro Villa-Lobos a autora e atriz de teatro Márcia Frederico.

Para desempenhar a tarefa, Márcia, antes do dia do debate, entrevistou diversas pessoas ligadas a algumas escolas de teatro do Rio de Janeiro.

A primeira questão abordada foi o mercado para o qual se direcionam os futuros atores. Sem citar nomes, Márcia afirmou que

todos os seus entrevistados reconheceram que o teatro infantil é o primeiro mercado para onde os novos profissionais se lançam ao sair da escola. Em compensação, apenas um admitiu incentivar a decisão.

Márcia também chegou à conclusão que a maioria confia na formação que dá a seus alunos e que estes entendem por fim que "teatro é teatro", sem se importar se adulto ou infantil.

O Teatro no Mundo - Encerrando o primeiro dia, Maurice Yendt (diretor do Teatro Jeunes Années e vice-presidente da Associação Internacional de Teatro para a Infância e Juventude do Mundo) foi o responsável pelo tema "O Teatro Jovem Atualmente no Mundo".

Antes, porém, de dar o panorama

Foto: Stan



Maria Clara Machado encantando a classe com suas idéias

mundial, Maurice fez uma pequena localização histórica. Para ele, existiram dois períodos que se constituíram em dois movimentos a favor do desenvolvimento do teatro jovem: a década de 20 e a de 70.

- Durante os anos 20, olhava-se para o teatro de jovens baseado e fundamentado no conceito da especificidade. Este conceito foi introduzido por Stanislavsky ao dizer que teatro para criança é teatro para adulto melhorado. Se concordarmos, vamos reconhecer que é diferente, é específico. Já nos anos 70, vamos pretender acabar com esta concepção. Em diversos países da Europa, estes anos correspondem a uma verdadeira explosão.

Atualmente, Maurice Yendt afirma existir uma grande diversidade de país para país. Sua experiência mostrou que em certos lugares existe uma relação muito estreita de teatro com o sistema de ensino.

- Não quero dar exemplos, mas é o caso dos países anglo-saxões, onde há um teatro para público jovem que é muito integrado ao sistema escolar e que tem uma dimensão essencialmente didática. Nos países baixos, existe um teatro mais amplo, muito exigente no que diz respeito às formas e aos conteúdos. E não podemos esquecer do Japão. Lá está acontecendo um desenvolvimento excepcional. Tudo sem a subvenção do estado e baseado na mobilização militante das mulheres japonesas.

Dramaturgia X Escola - Como a relação teatro e escola não acontece somente nos países anglo-saxões, o Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem dedicou o segundo dia do evento ao tema "O Teatro

Jovem e a Escola. Nesta ocasião, Dudu Sandroni se encarregou de fazer um pequeno histórico para a abertura do debate, que seguiu com as presenças de Lúcia Coelho, Alice Koenow, Márcia Leite, Sílvia Aderne e Michel Dieuaide.

Tentando mostrar o desenvolvimento do teatro e a sua relação com a escola, Dudu começa por apontar as contradições do discurso da classe artística e a história. Em sua palavra, o ator coloca que, apesar de se falar da desvinculação do teatro com a educação, a dramaturgia para a infância e juventude no Brasil sempre esteve extremamente vinculada à educação.

- Esta ligação se observa desde a primeira manifestação teatral de que se tem notícia no país, que foi através do Padre Anchieta

espetáculo.

Lúcia fez questão de salientar ainda as dificuldades encontradas pelos profissionais nas escolas. Neste momento, têm-se que enfrentar a visão tacanha da direção ou o despreparo dos professores.

- Quando a direção da escola inclui atividade em seu currículo pedagógico, nem sempre os professores estão imbuídos da filosofia da educação artística. Muitos professores não têm o hábito particular de ir ao teatro e assim quando agendam o espetáculo, o fazem para atender um pedido da direção. Quando acontece o contrário, quando a escola não inclui arte em seu currículo, aí as portas estão definitivamente fechadas para os profissionais de teatro.

O quadro apresentado por Lúcia está longe de ser animador, mas, mesmo diante desse caos, a diretora expôs suas sugestões. Oferecer ingressos grátis a todos os professores, propor cursos práticos de teatro para as escolas, organizar debates e encontros que ajudem a conscientizar o valor do teatro na educação são algumas de suas propostas.

Como Escolher - "Qualidade e Critérios de Seleção de Espetáculos"; este foi o assunto que ficou sob a responsabilidade da diretora e educadora Alice Koenow. De forma bem sucinta, ela atentou para o fato de que o produto a ser escolhido tem que despertar a imaginação da criança. "Tem que ser espetáculos que estimulem o desejo de transformações do mundo, visando o bem-estar coletivo e não incentivando o conformismo", colocou.

Atrás desse propósito, a educadora crê que os critérios de qualidade devem passar por aspectos como os cenários, música, atuação, figurinos e tudo que possa representar uma preocupação artística. Tudo isto, por uma razão muito simples: "É que a criança entra no jogo com muita vivacidade, com muita força. Daí a necessidade da informação que está sendo passada em cena seja objeto de estudo pelas pessoas que fazem e mereça atenção especial dos professores que escolhem os espetáculos", justificou Alice.

Talvez, para evitar o encontro com professores despreparados (ou despreocupados) é que a coordenadora pedagógica Márcia Leite, ao ser chamada para falar sobre a "Necessidade das Escolas em Relação aos Espetáculos", tenha dito ser contrária à entrada do teatro nas escolas.

- Eu tenho medo que o teatro vire uma simples matéria de currículo. Por que a gente não faz uma campanha para levar a escola ao teatro? Assim o teatro não vai precisar se apequenar, não vai precisar se humilhar. Às vezes, mudam falas, coreografias, adaptações para entrar num espaço desqualificado e a criança que usa aquele local para brincar não entende muito bem e não consegue respeitar o que está se passando.

Dando continuidade à palestra de Márcia Leite, a educadora e atriz Sílvia Aderne indicou a "Necessidade do Profissional de Teatro em Relação às Escolas". Sem muitos rodeios, fez a lista de suas aspirações:

- Temos a necessidade do respeito ao nosso trabalho, que a escola que nos recebe sinta necessidade de nossa presença, que necessite do teatro como vida e não como um preenchimento de tempo, como simples atividade de lazer. A necessidade do teatro na escola implica em que ela acredite realmente que o teatro é uma linguagem necessária à aprendizagem do aluno.

Pelo Mundo - O "ponto final" do segundo

dos Jesuítas. Então, este teatro chega como catequese, chega para moralizar, para educar. E segue assim. Só no final do século XIX começa haver preocupação dos educadores. Com a vinda da corte de D. João VI, eles trazem uma literatura infantil, começam a existir traduções dos franceses, de histórias, poesias etc.

Apesar do esforço e da relativa melhora, Dudu ainda consegue observar em algumas peças deste século a presença do mesmo teor educador. "No final da década de 60 isto ainda vigorava. Poderia ficar horas citando centenas de exemplos desse teatro, cujo o principal objetivo era incutir lições de moral, de educação cívica na juventude", disse.

Quem é quem - A partir de duas perguntas (A escola, quem é? E o profissional de teatro, quem é?), Lúcia Coelho substituiu Dudu Sandroni para falar sobre a "Importância do Teatro na Escola". Depois de "responder" as suas próprias indagações, a diretora termina por sugerir alguns caminhos para aplacar as deficiências do setor.

Para haver uma troca real, na visão de Lúcia, o caminho é simples. Considerando que o teatro na escola é o campo mais rico para o desenvolvimento criativo do aluno, a diretora "condiciona":

- Se a escola inclui na sua filosofia de educação a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, já cria condições para seu aluno descobrir seus potenciais, promovendo atividade artística. E se o profissional de teatro oferece um espetáculo de bom nível artístico, desenvolvido com seriedade, encontra nesta escola um convite para a apresentação do seu

Continuação da página anterior

DE TEATRO JOVEM

dia foi dado por Michel Dieuaide (ator e diretor artístico do Teatro Jeunes Années), que dissertou sobre "O Teatro Jovem e a Escola na Europa". Tomando como exemplo seu próprio país, Michel deixou claro as contradições entre o teatro e o meio escolar.

- Na França, por razões democráticas, decidimos nunca interromper nossas relações com o meio educativo. Mas uma das diferenças encontradas nesta relação é o ponto de vista que temos sobre as crianças. Nós, artistas, as vemos como indivíduos espectadores, já para os professores eles continuam sendo um grupo, uma classe. É um mal-entendido. O conhecimento que devemos ter diz respeito a quê? Aos rituais do teatro e pronto.

Apesar dos pontos de vista desencontrados, o Ministério da Educação e Cultura da França, há anos, tenta reforçar as relações entre escola e teatro. A legislação neste sentido, como revelou Michel, prevê práticas de expressão dramática na Europa em forma de Workshop, seminários, clubes de teatro e até de cursos optativos que, ao fim do curso secundário, oferecem diplomas.

A Crítica na Berlinda - A tarde dedicada ao "Teatro Jovem e os Meios de Comunicação" foi marcada por uma série de contradições. Iniciada por Bernardo Jablonski, que traçou o perfil histórico da imprensa no Brasil, o debate seguiu com as participações das jornalistas Karla Marcolino (Revista Veja Rio), Manya Millen (O Globo) e Arthur Xexéo (Jornal do Brasil), da atriz Sura Berditchevsky e do Diretor Teatral José Caldas.

Durante a sua exposição, Bernardo Jablonski lembrou o nome de grandes críticos (Barbara Heliodoro, Yan Michalski, Pachoal Carlos Magno e outros) e destacou o início dos anos 70 como sendo o período do surgimento da distinção entre crítica infantil e adulta. E mais, acusou os novos críticos de não terem a mesma formação especializada dos que foram citados. Assim mesmo reconhece que os atuais profissionais encontram alguns obstáculos:

- Nem o melhor crítico do mundo conseguiria satisfazer as necessidades da função com o reduzido espaço que dispõe hoje em dia. No "conjugado" que sobrou, o espaço só dá para algumas informações em ritmo de vídeo clip. Os jornais deveriam se conscientizar de que prestam um serviço não ao espetáculo A ou B, e sim à comunidade. E se o espaço é reduzido, que se pense formas alternativas para que caibam todos. No caso específico do infantil, houve um crescimento qualitativo e quantitativo que não foi acompanhado pela crítica, salvo algumas exceções.

Os Bastidores - Depois das opiniões de Bernardo Jablonski, foi dada a vez aos profissionais de comunicação, para que estes desvendassem por fim, os "bastidores da notícia". Para que o público soubesse como anda "O Teatro Jovem Atualmente na Imprensa", Karla Marcolino e Manya Millen falaram sobre a cobertura e os critérios para a escolha dos espetáculos a serem criticados.

As jornalistas, é claro, se utilizaram de suas experiências pessoais. "O espaço que eu tenho são aquelas três páginas e é o mesmo espaço para a cobertura da estréia e para a crítica. Então, a gente prefere fazer a crítica do que a cobertura da estréia", revelou Karla Marcolino.

Já Manya Millen foi mais contundente. "O que vai entrar ou não no jornal na estréia fica a critério de cada um. Evidentemente, a

gente que cobre teatro jovem já sabe exatamente quem faz ou não um bom trabalho". Mas isto não quer dizer que os novatos não tenham vez. "De quem nunca se ouviu falar, mas que chega com um baita release nas mãos... A gente diz: legal! Já uma pessoa que manda um release com erro de português... Estes, eu amasso e jogo no lixo. Isto já é um critério de descartar."

Fechando a participação da imprensa, Artur Xexéo sucedeu a crítica do "O Globo" para levar a cabo o tema "O Teatro Jovem X Teatro Adulto". Sobre a velha acusação da classe teatral de que o teatro infantil tem pouco espaço em relação ao adulto, o subsecretário de redação do Jornal do Brasil foi direto...

- Eu não acho que o teatro tenha pouco espaço no jornal, especialmente o teatro infantil. Aliás, este tem tido até muito espaço. As pessoas também falam como se esta suposta falta de espaço fosse característica brasileira, da imprensa tupiniquim de terceiro mundo... Bem, eu não conheço espaço de

Foto: Stan



Bernardo Jablonski traçando o perfil histórico das relações entre o teatro e a imprensa

teatro infantil no New York Times, que é um exemplo de jornal para todo o mundo.

O "pouco caso" com o teatro infantil foi explicado por Artur Xexéo. "A gente faz jornalismo da mesma maneira que as outras editorias; tem coisas que saem e outras que não. E não tem porque ser diferente; não têm porque a imprensa tratar o teatro como se este não fosse matéria jornalística".

Após as considerações dos que fazem o jornalismo cultural no país, chegou a hora de se ouvir "O Profissional de Teatro em Relação à Imprensa". Como "porta-voz" da classe, a atriz Sura Berditchevsky se disse chocada com o que se tinha dito até então e resumiu a importância dos meios de comunicação para o teatro.

- A crítica sair no primeiro mês da estréia é decisivo para a história, para a vida de uma peça. A gente não sair no tijolinho é um suicídio; significa tirar a peça de cartaz. É da maior importância que a gente tenha o mais cedo possível a crítica do nosso espetáculo, seja boa ou ruim, porque é um espaço de divulgação.

Comunicação Européia - O autor e diretor teatral José Caldas levou ao público do Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem "O Teatro Jovem e os Meios de Comunicação na Europa". Utilizando Portugal como exemplo, o palestrante contou sua experiência com o Centro Português Infanto-

Juvenil. A associação, que reúne todos os grupos que se dirigem ao público jovem do país, conseguiu um impacto surpreendente sobre a mídia e na sociedade em geral.

- A entidade levou os críticos a nos ver apenas como criadores teatrais, sem especificidade. Levou-os ainda a analisar o nosso trabalho como obra de arte. Promovemos um diálogo ético, artístico e crítico no país.

Encerramento - No último dia do evento foi organizado um "Painel Sobre o Teatro Para Jovens Realizado Atualmente no Brasil" com dez nomes da dramaturgia brasileira. Maria Clara Machado foi a escolhida para abrir o debate e falou sobre a situação no país.

- A grande dificuldade do autor de teatro hoje em dia é vigiar a sua obra. Todos aqueles que estão engajados na produção teatral são criadores; o que faz a luz, o figurino, o cenário... Mas é preciso que todos sirvam a um texto. Eu sei que têm montagens de peças minhas que só levam o nome, porque botam novos personagens, tiram outros, enfim...

"É que o teatro para criança fica, geralmente, na boca de cena", queixou-se. E deu o "pulo do gato":

- A cenografia e o figurino em teatro, onde a arte cênica tem um poder de imagem muito grande, não pode estar belamente feito. Tem que estar ligado ao conteúdo, do sentimento que carrega o espetáculo inteiro, aos atores, ao cenógrafo.

Qual a diferença entre diretor musical e compositor? A pergunta feita muitas vezes pelo público foi respondida na palestra de Nelson Melim sobre a música no teatro jovem. "O compositor escreve a música e o diretor musical tem a incumbência de teatralizar da melhor forma possível esta música. São duas funções diferentes no espetáculo", sentenciou.

Com ou sem música, qualquer espetáculo teatral tem que ter uma equipe de produção. Do contrário... Sobre a área, o ator Rogério Fabiano se encarregou.

- Como é que é esta coisa de produção? Bom, quando a gente tem patrocínio fica muito mais fácil. Mas isto é raro - eu só tive duas vezes em 13 trabalhos. A gente trabalha muito a base de permuta, a empresa dá o material e a gente coloca o nome dela em programas, fachadas, em cena... Então, é assim que a gente levanta os nossos projetos. Qualidade na escolha da sua equipe também é fundamental.

No Brasil - O "painel" terminou com a participação dos artistas representantes de quatro estados do Brasil. Ilo Krugli (São Paulo), Paulinho Polika (Belo Horizonte), Carlos Carvalho (Recife) e Paulo Flores (Porto Alegre) fizeram uma síntese do país. Ilo salientou as barreiras encontradas pelo teatro jovem.

- O preconceito em cima do trabalho para criança é velado, mas ele existe. Nós o sentimos quando vamos levar o famoso release aos jornais, por exemplo. Agora, o rótulo é o de menos, o importante é a essência, é o conteúdo do que se faz.

Dificuldade também foi o destaque da palestra do diretor do Grupo Armatrix. Paulinho Polika reclamou do abandono sofrido por Belo Horizonte, refletido na falta de curso superior de teatro e na escassez de salas de espetáculos.

- Belo Horizonte é uma cidade de muitos artistas e realmente está abandonada em relação a patrocinadores. Temos muitas dificuldades, mas a cidade está indo bem. Tivemos agora o Festival Internacional de Teatro de Rua e Palco que foi um sucesso. Recebemos grupos da Europa, do Rio, São Paulo... Bom, o que a gente pretende é destacar o nosso trabalho em Belo Horizonte.

Em Recife a situação não é muito diferente da terra de Paulinho Polika. E Carlos Carvalho é que o diga.

- Lá, um grupo para sobreviver tem que fazer convênio com a escola. Aí monta-se um aparato que é fantástico, mas que de certa forma acaba com o produto final, que é o teatro. As coisas ficam mecanizadas.

Como enquanto há vida, há esperança... O Teatro Jovem em Porto Alegre parece estar florescendo com força total. Pelo menos, foi o que garantiu Paulo Flores, nos minutos finais.

- Existe em Porto Alegre, como em várias cidades do estado, um trabalho infantil de boa qualidade. A gente está começando a desenvolver um trabalho de teatro como um núcleo cultural mesmo e as pessoas começam a se envolver com a atividade artística, com a preocupação cultural.

OPINIÃO OPINIÃO OPINIÃO OPINIÃO

Carlos Augusto Nazareth

TEATRO JOVEM - esse desconhecido. Tem razão a crítica de teatro do JB quando lembra "há muitos teatros dentro do teatro". Em meio a tantos se perdem às vezes pais e professores - que, na verdade, são quem selecionam os espetáculos a serem assistidos pelas crianças.

Os títulos são traiçoeiros. Os Contos Tradicionais, que os pais re-conhecem num impessoal "Iijolino" são, muitas vezes, um falso referencial - muito chapuzinho, bruxas boas e más, lobos e vovós da pior qualidade habitam os palcos. Mas há também adaptações excelentes. Como saber?

As grandes produções, algumas vezes com nomes conhecidos do grande público, em grandes teatros, nem sempre correspondem à expectativa. Que fazer?

Na grande maioria as produções de qualidade duvidosa tomam conta dos teatros, do Projeto-Escola, mal-formando um número incontável de crianças e pais - que passam a olhar o teatro jovem como um sacrifício insuportável para eles e uma atividade desnecessária para as crianças.

Como saber? Que fazer? **ESPAÇO.** Espaço para discussão, debate, notícias, encontros, artigos. Espaço para difusão do Teatro Jovem como um segmento importante dentro da formação da criança e do adolescente. É um novo espaço se abre aqui no O Teatro Jovem.

CRISTALIZAÇÃO DE UMA PRÁXIS DESORIENTADA

Ao analisarmos as temporadas durante

alguns anos vemos que espetáculos sofrem de males semelhantes, que se repetem ano após ano.

Estabeleceram-se premissas que funcionam como dogmas - uma delas é a que o espetáculo infantil tem que ser engraçado, custe o que custar - como se a história do Chapuzinho Vermelho fosse engraçada!

E aí se faz "humor" obrigatoriamente para "prender a atenção da platéia". Um humor muitas vezes descabido, sem a menor relação com o espetáculo e que na maioria das vezes funciona com o adulto.

Teatro para crianças e adolescentes pode ser de todos os gêneros; já dizia uma criança para a Contadora de História da Biblioteca Lino Costa: "Tia, conta aquela história do medinho bom". No imaginário e na ficção as emoções têm o sabor da magia e são vivenciadas pela criança em seu universo mágico. Criança quer viver, também, todas as emoções e vivenciar todos os sentimentos, como os adultos; ou melhor, nós, seres humanos, queremos viver todas as emoções e todos os sentimentos - desde crianças.

OUTROS MALES OUTROS MEDOS

Depois vêm os "grandes medos" - não das crianças, mas dos adultos que montam espetáculos infantis sem conhecer esse universo. O medo da dispersão da platéia, por exemplo, é um fantasma de diretores e atores. Em primeiro lugar, criança é

dispersa - sua capacidade de reter atenção é menor do que a do adulto, que também é menor do que nos damos conta. Quantas vezes nos surpreendemos em meio a um espetáculo olhando um ponto distante da cena? Só que ficamos calados, por condicionamento. A criança livre - ainda e às vezes - fala. Mas se o espetáculo é bom, volta a acompanhá-lo sem ansiedade.

Se a criança se envolve na história ela permanece atenta - dentro de suas possibilidades. Esse é o ponto. Como envolver a criança no espetáculo? Com certeza, sem o recurso da excitação e sim com uma boa carpintaria teatral, uma estrutura dramática que permita o acesso da criança ao espetáculo, que crie pontes de entrada do espectador na história. Enfim, recursos inerentes à estrutura dramática. E mais, Teatro é Ação. Os fatos acontecem ali. E o que mais se vê em espetáculos para criança e adolescente é o explicar, dizer, falar, numa construção literária do texto onde se conta mais do que se faz.

O POR VIR

Mas nem tudo está perdido! A Literatura para a Infância e Juventude nos últimos vinte anos se tornou uma realidade e hoje é responsável por 30% do movimento editorial brasileiro com Programas de Desenvolvimento da Leitura como os do PROLER, entidades como Casa de Leitura, o Instituto Nacional do Livro Infantil e Juvenil; o ressurgimento da figura



SONIA BARRETTO - ACREDITANDO E INVESTINDO NA CULTURA

Gerente da Área de Relações Públicas da Coca-Cola há mais de 10 anos, Sonia Barretto pode ser considerada a grande "Mecenas" do Teatro Jovem.

Responsável pelas estratégias de comunicação da Companhia, Sonia vem demonstrando e provando ao longo desses anos, que a cultura no país é muito importante.

Orgulhosa de ter incorporado à Companhia o patrocínio às artes, ela acredita que a sua sensibilidade foi o começo de tudo. "Na época em que comecei a implementar o patrocínio às atividades artísticas e culturais, essa tradição ainda não existia. Fico

satisfeita em ver que após a nossa iniciativa, muitas empresas seguiram o mesmo caminho. Me sinto feliz em ser parte dessa descoberta, e da Coca-Cola ter aceito as minhas idéias. O caminho que o Projeto Coca-Cola de Teatro Jovem vem traçando é maravilhoso. Com esse projeto, mais de 80 espetáculos saíram do papel em apenas 6 anos."

Para ela, o público infantil cresceu a partir da atuação da Companhia no setor.



Com a realização do primeiro Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem, no Villa-Lobos, foi proporcionado à classe teatral um espaço inexistente no meio. Com a presença de grandes diretores, artistas e pessoas ligadas à classe, foram discutidas e principalmente propostas novas soluções para um melhor desenvolvimento do teatro jovem no país.

Além de todo o envolvimento pessoal com o patrocínio, Sonia também cuida de

muitas outras atividades na Coca-Cola. Administração de pessoal, anúncios institucionais, sistema de atendimento ao consumidor, relações com a imprensa... e por aí vai!

Mas toda essa agitação se adaptou muito bem a essa competente profissional, que gosta de estar sempre em movimento: "adoro uma adrenalina, me estimula e motiva."

Sonia finaliza dizendo: "A Coca-Cola "deu mais vida" à produção teatral e com certeza temos uma grande responsabilidade sobre esse avanço. Estou contente com os resultados alcançados e espero poder conquistar muito mais."

PÚBLICO APROVA SEMINÁRIO

Durante os quatro dias de realização, o Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem recebeu uma média de 150 expectadores por dia, além dos debatedores. O público, bastante variado e participativo, era composto em grande parte pela categoria artística e alunos de teatro. Participaram também do evento muitos professores e recreadores, além de curiosos pelo assunto.

"Depois de assistir as palestras dos franceses, comecei a ter uma visão sobre o Teatro Infantil", disse Aline da Silva Calixto, 17 anos, que faz teatro amador para adolescentes. Ela confessa que até então considerava o Teatro Infantil algo menor. "Agora estou mais

aberta para esse tipo de teatro, pois vejo que também o Teatro Infantil pode ser bastante sério", complementou.


Aline disse ter sido muito proveitoso o seminário e só ficou espantada no debate sobre os meios de comunicação, quando se debateu sobre a necessidade ou não de um assessor de imprensa e sobre a importância de se fazer um release "bonito e charmoso". Dúvida esta, apontada também por Tatiana Tombolato, 18 anos, que integra a Companhia Teatral Ovelhas Negras. "Mas pelo menos já sei como proceder para divulgar as minhas peças nos jornais", acrescentou.

Já a professora Márcia Miranda, da Escola Viver e Criar, em Realengo,

considerou o seminário bastante interessante por discutir a relação escola-teatro. Ela destacou a necessidade de se investir cada vez mais nas produções para jovens e de se aumentar o intercâmbio com as escolas.

"O ideal é que o aluno sempre possa ir ao teatro, para que este não perca as suas qualidades e apresente um trabalho de qualidade para as novas platéias, disse Márcia. A estudante de computação, Themys Amaral, considerou bom o nível dos participantes. Fã declarada de Maria Clara Machado, ela afirmou que tem um interesse muito grande pelo assunto e que, por isso, acha muito bom a realização de um seminário só sobre o tema.

As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

EXPEDIENTE
O TEATRO JOVEM
 Uma Publicação:
BRITO

PRODUÇÕES
 Jornalistas :
 Aurélio Gimenez
 Reg. Prof.: 18.901/087/43v
 Heloiza Gomes
 Reg. Prof.: 17.091/103/44v
 Denise Orphão
 Reg. Prof.: 18.039/108/18v
 Ilustrações :
 Marcelo Martinez
 Rua Voluntários da Pátria, 45 sls. 305/306
 Botafogo - RJ/CEP: 22.270-000
 Tel.: 266-5478

CLASSSITEATRO

Precisa-se de galpão para guardar cenário de peças. Aluguel ou permuta. Catsapá Obras e Artes 286-4908

Curso de Teatro
Início: 5 de Dezembro
Prof.: Michel Bercovitch
Dias: 2ª e 4ª/3ª e 6ª
Hora: 15:30h às 17:30h
Local: Oficina de Artes.
Endanção - Ladeira Ari Barroso, 1 - Leme
Tel.: 295-6895/325-2885

Procura-se um espaço para guardar material de teatro.
Tel. para contato: 259-4697
Márcia ou Heloisa

Já está a venda o novo nº (138) dos cadernos de teatro com artigos sobre IBSEN, O Teatro e o Pós-Modernismo e uma peça de Oduvaldo Vianna Filho: "O Morto do Encantado Morre e Pede Passagem". Cadernos de teatro podem ser encontrados na livraria Ver e Ler, na Timbu, na livraria do Museu da República ou na secretaria D'Tablado.

Recebemos propostas p/ocupação do teatro Elizabetano, no campus da UniRio
Av. Pasteur, 436
Tel.: 265-3889/Denise
551-3815/Adriana
Maia

Vende-se peças cenográficas anos 50 e 60: Roupas, lúvas, bolsas, óculos, móveis e objetos de decoração.
Paulo Mariozzi
Tel.: 227-7744(rec.)

Verão. Fevereiro e Março. As Marias da Graça precisam de espaço amplo e fresco para ensaiar.
Contatos: 295-1612 - Isabel

O espetáculo "Tá Na Hora", realização do grupo Navegando, oferece espetáculos extras p/ clubes, colônias de férias, festas particulares, inclusive com temas p/ adultos. Tel.: 541-3703/542-9584

Work Shop de pandeiro - Marcos Suzano. 8 aulas a partir de 16 de janeiro.
Inform.: Catsapá Obras e Artes.
286-4908

Se a roupa da sua Bela já está uma Fera e o seu Chapeuzinho Vermelho já está desbotado. Anuncie aqui. Compra, venda, aluguel de figurino.
Tel.: 266-5478 - Andréa

Reciclagem teatral nas férias, para atores e iniciantes. 2 turmas.
Entrevistas: 09/01 - 14h às 16h e 10/01 - 16h às 19h.
Dur.: 2 meses. Casa de Cultura Laura Alvim
Maiores inform.:
Tel.: 259-3556
Curso com os diretores Daniel Herz e Suzanna Kruger

CAÇA-TALENTOS

M D G D I S S A C B E R N A R T V G
N A A R P E O Y Z W B C I Q Ç X E U
K L R I M F Z T E U K I D N A N R I
A A H C X A C M Z I E N Y C O B I L
Z M J A I B R I E N R G I P S E N H
K T X M N A G C P V A K E J A D H E
R V Q O E Ç F T O L M R D Ç U S A R
A R E R S I B R L S W E N H A Ç R M
F K A A C Y M Y E X A A U V Q S I E
A T I E A H K M S D R C I L H E B K
E C A S R N O I S F E P H T E V E A
L U R O D R B K A Ç E R X E A L I R
A F A M O T E I L M Q U I N R A R A
F I D P S R C O R F U W Z C Y A O M
I B N V O I W E V T C Q R B O I M E
S R A H R K H E R O V M I E M C A R
C E N T I L J A M E R A B C L I P I
H N A S I C B R I F T D O J E T G P
E P K U M E A A Z E E Y T E K E P X
R O G E R I O F R E I T A S X L A T

Atores e Atrizes

- DRICA MORAES (Pianíssimo)
- GUILHERME KARAM (Aladim e Gênio Maravilhoso)
- GUILHERME PIVA (O Cavalo Que Falava Inglês)
- INÊS CARDOSO (Tá Na Hora)
- ISSAC BERNART (As Aventuras de Pedro Malazartes)
- KANANDA RAIA (Confissões Infantis)
- LETÍCIA ALVES (O Manto do Rei)
- MARCIA FREDERICO (Shakuntalá - O Anel Perdido)
- MARCOS ÁCHER (A Inacred. Hist. de Marco Polo e sua Exuberante Viagem ao Oriente)
- PATRICIA FRANÇA (Aladim e o Gênio Maravilhoso)
- RAFAELA FISCHER (Baile na Curva)
- ROGÉRIO FREITAS (O Passaro do Limo Verde)
- VERINHA RIBEIRO (Tem Areia no Maiô)
- ZEZÉ POLESSA (A Mulher que Matou os Peixes)

Humor nos Bastidores

Uma certa cia. de teatro com um diretor gago resolve fazer um laboratório na África para a montagem de uma peça sobre safári. Todos caminhavam na beira de um rio, quando de repente o diretor começa a gritar:
- Hip... hip... hip...
E todo mundo responde de uma vez:
- Hurra!!!
O diretor, muito exaltado, grita outra vez:
- Hip... hip... hip...
E todos respondem:
- Hurra!!!
Antes que o diretor conseguisse explicar, vem a manada de hipopótamos e arrebenta com toda a companhia.
.....
O filho deste mesmo diretor, um promissor ator, resolve, pela primeira vez, participar de um teste para trabalhar em uma grande produção.
Na entrevista lhe perguntam seu nome e ele responde:
- Ga... Ga... Ga... Ga... Gabriel
- Você é gago? Pergunta o entrevistador.
- Não, meu pai é que é. E o escrivão era um grande sacana.

ENTREVISTAS

MARIA CLARA MACHADO

No dia 29 de setembro - último dia do evento -, o Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem recebeu a presença de um dos grandes nomes da área. Em uma participação especial, Maria Clara Machado esteve presente no "Painel Sobre o Teatro Para Jovens Realizado Atualmente no Brasil". E, claro, em 45 anos de carreira e 25 peças, ninguém mais indicado.

- Não assisto muito, mas pelo que ouço o Teatro Infantil tem melhorado muito, apesar de ainda existir pessoas que pensam que Teatro Infantil é resto de literatura, coisa mal acabada. As pessoas não entendem que o objetivo de quem trabalha com infantil deve ser justamente o de dar o melhor. Afinal, a criança é virgem de sensações, de emoções... Então, precisa do melhor.

Por realmente acreditar que o público infantil merece qualidade é que Maria Clara Machado trocou o palco pela máquina de escrever. Depois de cinco anos

atuando como atriz, resolveu escrever uma história para os "baixinhos". Saiu "O Boi e o Burro no Caminho de Belém" e desde então, há 40 anos, vem emplacando um sucesso atrás do outro - sua última produção é "A Coruja Sofia", em cartaz no Teatro Tablado, aos sábados e domingos, às 17 horas.

- É muito gratificante escrever e dirigir para criança, apesar de atualmente não estar dirigindo. "A Coruja Sofia", por exemplo, tem direção da minha sobrinha, a Cacá Mourthé, o resultado ficou ótimo. As músicas do Paulo Jobim são maravilhosas e a Cacá é muito criativa. Aliás foi ela quem me fez voltar a escrever depois de cinco anos. Eu tinha o argumento e ela me fez

desenvolvê-lo. Eu não pensava nisso, mas... Ando meio preguiçosa e... Aos 73 anos, tenho direito, né?



Quanto aos direitos de Maria Clara ninguém questiona. Mas como será que a autora de "Pluff, o Fantasminha" vê o fim da linha divisória entre o teatro infantil e teatro adolescente? Afinal, o retorno da "guerreira" se deu exatamente quando o Brasil começa a seguir a tendência mundial e adotar a classificação de Teatro Jovem.

- Estou achando muito boa essa maneira de encarar a dramaturgia que se faz para a juventude. Não tenho nada contra a nova classificação, pelo contrário. Quem quiser levar seus filhos para assistirem uma peça, fizer questão da

faixa etária, que telefone para o teatro, pergunte o conteúdo do texto e decida se é ou não adequado para a criança em questão.

Desta maneira, Maria Clara Machado acredita ser de maior importância a iniciativa da Coca-Cola e espera que o seu Festival e Seminário de Teatro Jovem se repita nos próximos anos. Sempre atendida com o seu tempo, a autora e diretora considera o evento uma oportunidade única para que os veteranos e a nova geração se encontrem para repensar o Teatro Jovem de fato.

- O seminário é superútil. É importante que as pessoas de teatro se unam para tratar de assuntos de nosso interesse. Esta foi uma idéia maravilhosa. Tenho certeza que dará frutos, os novos talentos que estiverem presentes se empenharão cada vez mais para o desenvolvimento do Teatro Jovem. E o intercâmbio entre os estados e os países é essencial para a cultura.

MAURICE YENDT

Pela primeira vez no Brasil, o diretor e criador do Théâtre des Jeunes Années, Maurice Yendt, ficou impressionado com a diversidade artística do país e com o grande interesse da classe em torno do teatro jovem. Vice-presidente da Associação Internacional de Teatro para Infância e Adolescência, Yendt disse que espera ver em breve o Brasil filiado à entidade e que, assim, possa desenvolver ainda mais o teatro "jovem e dinâmico" que ele conheceu aqui.

No intervalo do Seminário Coca-Cola de Teatro Jovem, Yendt concedeu esta entrevista com exclusividade para O Teatro Jovem, onde falou sobre o seu grupo e sobre a necessidade de realizar montagens para o público adolescente.

OTJ- Como surgiu o Théâtre des Jeunes Années?

MY - É uma longa história (risos). O grupo que dirijo teve várias evoluções no desenvolvimento artístico nestes 25 anos de existência. Começou como companhia amadora, que mais adiante se profissionalizou. No início, ainda em Paris, não havia lugar específico para ensaiar, muito

menos verbas. Depois de algum tempo nos fixamos em Lyon, onde começamos a nos desenvolver.

OTJ- Como foi essa evolução?

MY- Mesmo voltado para criança, o Théâtre des Jeunes Années sempre teve a preocupação de fazer um trabalho de qualidade, desde a importância da obra a ser montada até a representação dos atores, passando por toda a parte técnica. Com a nossa evolução e a qualidade do nosso trabalho, conquistamos o respeito do público e da imprensa. O apoio do Estado, através de um contrato com o Ministério da Cultura francês, e de entidades privadas foi uma consequência desse trabalho. Conseguimos, enfim, construir um teatro só nosso.

OTJ- E como funciona esse teatro?

MY- O nosso teatro funciona como um centro cultural voltado à pessoas de todas as idades. Dos seis anos até o infinito. Ele está aberto todas as horas, para que seja frequentado a todo o momento. Ali, ocorrem cursos, apresentações e o festival de teatro jovem, que é a bienal internacional.

OTJ- Qual a razão do sucesso do Théâtre des Jeunes Années?

MY- Nós temos um projeto artístico muito particular. Procuramos sempre a ruptura do teatro tradicional voltado para a criança. O teatro que propomos às crianças não deve ter nenhuma especificidade. Quando se fala em teatro para criança se especifica e isso não é certo. O nosso repertório se baseia em função da qualidade das

obras. Logicamente que sendo um teatro a ser assistido por crianças e adolescentes terá que atender a adultos tam-

bém e, principalmente, a nós mesmos.

OTJ- O teatro jovem visa formar platéias mais críticas?

MY- Também. A descoberta do teatro para a criança é uma atividade suficiente para ela mesma. O teatro tem a função de ajudar ao indivíduo a se descobrir.

Nós temos que sensibilizar o nosso público, tornar os espectadores ativos e mais exigentes. Desta forma, eles também estarão ajudando no desenvolvimento do teatro.

OTJ- É a primeira vez que vem ao Brasil. Como avalia as produções aqui desenvolvidas?

MY - Duas coisas me impressionaram muito nesta minha estada no Brasil. A primeira é a grande diversidade artística. Vi um grande número de artistas com as mesmas indagações e preocupações que nós temos na Europa. Isso é muito interessante, pois percebe-se que há vida em direção ao teatro. A segunda coisa que percebi, é que também aqui no Brasil há a ruptura com o tradicional teatro juvenil, procurando-se avançar além das especificações. Isso não ocorre em todos os países.



A Coca-Cola tornou-se uma das maiores incentivadoras culturais do nosso país. Porque, onde tem cultura, tem o apoio Coca-Cola. No teatro jovem, por exemplo, a Coca-Cola criou um prêmio que, além de estimular a produção de novas peças, revela novos talentos, viabiliza montagens e proporciona o desenvolvimento da categoria, o que, em outras palavras, significa mais cultura para muito mais gente.



Desta maneira, a Coca-Cola acredita estar contribuindo para a formação não só dos profissionais do teatro jovem, como também para a formação das platéias do futuro. Mas não é apenas no teatro que a Coca-Cola está presente. Ela apóia os mais diversos tipos de manifestações culturais em nosso país, por ter certeza de que a cultura é o maior patrimônio que um povo possui, e o traço mais forte do seu caráter.

Patrocinar é acreditar.

